

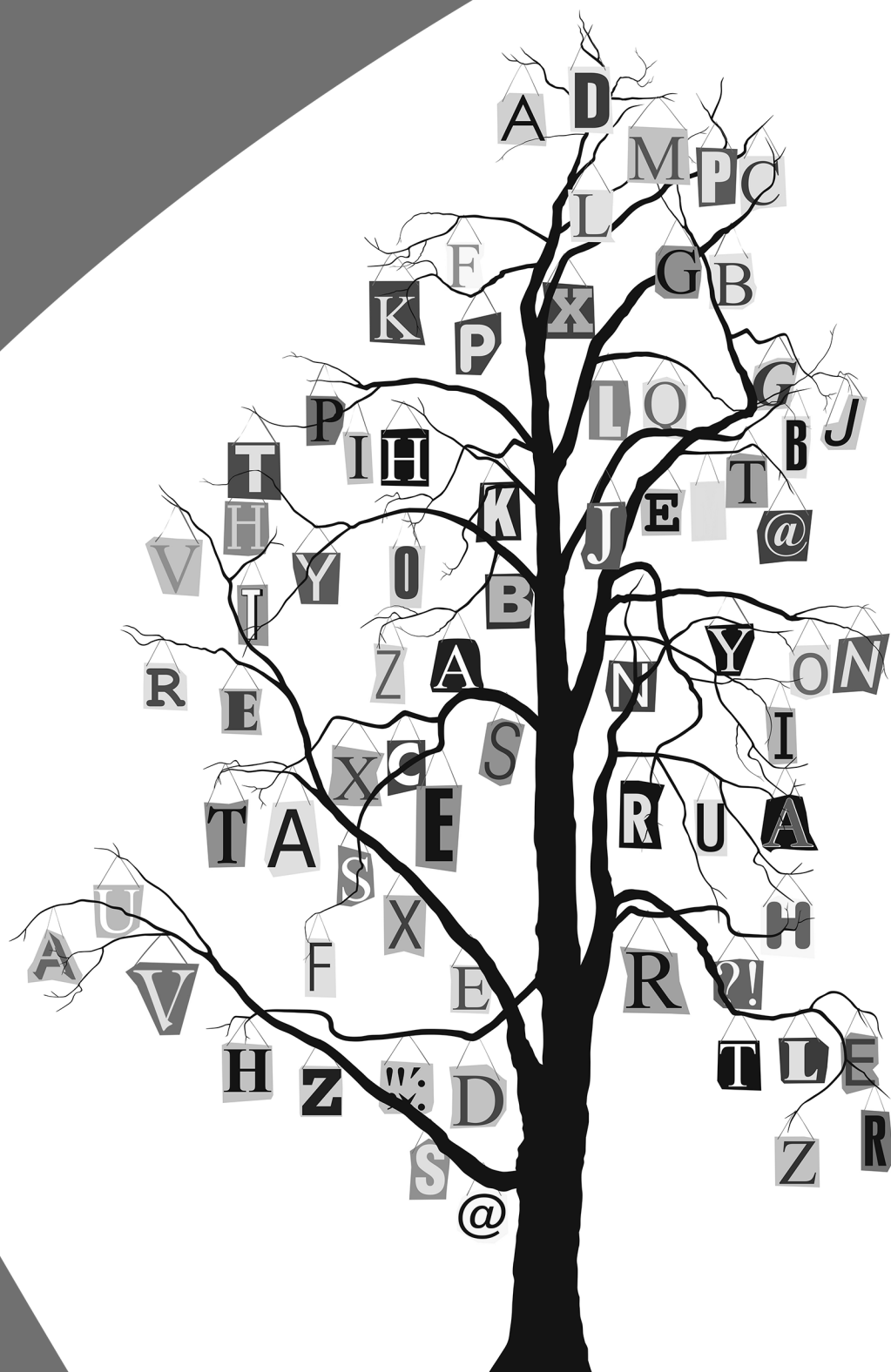
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	<p>(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-18-8 DOI 10.22533/at.ed.188202802</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves	
Clara Gouvêa do Prado	
Leonardo Birche de Carvalho	
Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn	
Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO

Data de aceite: 18/02/2020

Data de Submissão: 29/11/2019

Victória Nantes Marinho Adorno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Campo Grande – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/7013954279483510>

Altamir Botoso

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Campo Grande- Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/4996564101422445>

RESUMO: O personagem malandro na Literatura Brasileira tem uma grande importância, pois sua imagem representa uma crítica a uma sociedade regida por contradições, revelando problemas sociais e desvelando tais contradições em seus atos. O objetivo dessa pesquisa é analisar a representação do personagem malandro no conto “O homem que sabia Javanês”, de Lima Barreto. Nesse conto, o malandro surge como um personagem gracioso, conduzido pelas oportunidades apresentadas e que aproveita as comodidades de seus atos ilícitos, conseguindo enganar grande parte da alta sociedade carioca da época. A narrativa ironiza o modelo de ascensão social, padrão de nobreza e saber por meio de influências culturais, enfocando a questão do aprendizado de línguas estrangeiras, necessidade de enganar para ter

uma condição de vida melhor e a manutenção do ato da malandragem sem ser descoberto. Lima Barreto é um escritor que está à frente de seu tempo, pois critica a forma como a sociedade valoriza a riqueza, o conhecimento estrangeiro, sem valorizar sua própria cultura e coloca em evidência os problemas coletivos. A pesquisa analisa o malandro no conto selecionado, identificando primeiramente os seus traços e características mais relevantes para, em seguida, efetivar-se a análise desses elementos com o apoio dos textos teóricos, com o intuito de ampliar os estudos sobre o personagem malandro e os seus desdobramentos na ficção brasileira. Como suporte teórico, utilizaremos os seguintes críticos: Candido (1970), DaMatta (1990), Goto (1988), Schwarz (1987), Barbosa (2003).

PALAVRAS-CHAVE: Malandro; Conto; Lima Barreto; Literatura Brasileira.

THE TRICKSTER IN THE SHORT STORY “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, BY LIMA BARRETO

ABSTRACT: The trickster character in Brazilian Literature is of particular importance, for the reason its image represents a critique of a society governed by contradictions, revealing social problems and such contradictions in their actions. The objective of this research is

to analyze the representation of the character trickster in the short story “O homem que sabia Javanês”, by Lima Barreto. In this short story, the trickster emerges as a gracious character, driven by the opportunities presented and using the amenities of their wrongdoing, managing to deceive much of the carioca high society of the time. The narrative satirizes the social ascent model, pattern of nobility and knowledge through cultural influences, focusing on the issue of foreign language learning, the need to cheating for a better living condition and the maintenance of the act of roguery undiscovered. Lima Barreto is a writer who is ahead of his time, because he criticizes the way society values richness, the foreign knowledge, without valuing their own culture and highlights the collective problems. The research analyzes the trickster in the selected short story, first identifying their most relevant traits and characteristics for, then, to analyze these elements with the support of the theoretical texts, in order to broaden the studies on the trickster character and its developments in Brazilian fiction. As theoretical support, we will use the following critics: Candido (1970), DaMatta (1990), Goto (1988), Schwarz (1987), Barbosa (2003).

KEYWORDS: Trickster; Short story; Lima Barreto; Brazilian literature.

1 | INTRODUÇÃO

Neste artigo, objetivamos analisar o personagem malandro do conto “O homem que sabia javanês”, escrito em abril de 1911, por Lima Barreto. Nossa proposta é identificar o personagem malandro e apontar as suas estratégias de malandragem como elementos que possibilitam incluí-lo na galeria de personagens malandros da literatura brasileira.

A base teórica para o estudo proposto centra-se nos seguintes textos: “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido (1970, p. 67-89), *Carnavais, malandro e heróis*, de Roberto DaMatta (1997), *Malandragem Revisitada*, de Roberto Goto (1988), *Que horas são? Ensaio*, de Roberto Schwarz (1987), *No fio da navalha: malandragem e literatura no samba*, de Giovanna Ferreira Dealtry (2009), “No tempo do rei”, de Walnice Nogueira Galvão (1976, p. 22-33), dentre outros.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 no Rio de Janeiro, foi um escritor que transcendeu seu período, pois enxergou a arte na sociedade, relatando sua vida e conflitos sociais por meio de suas obras. Filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Pereira de Carvalho, faleceu vítima de um colapso cardíaco, no dia 1 de novembro de 1922.

Ele escreveu textos humorísticos, contos, sátiras, crônicas e memórias. Em relação aos romances, os títulos que Lima Barreto concebeu foram: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1948). Seus textos humorísticos foram resumidos e publicados com o título de *Aventuras do*

Dr. Bogoloff (1912). Os contos compõem o volume *História e sonhos* (1920); como sátira, há o livro *Os Bruzundangas* (1922). As crônicas encontram-se organizadas nos seguintes títulos: *Bagatelas* (1923), *Feiras e mafuás* (1953) e *Marginália* (1953). E como texto memorialístico, *Diário Íntimo* (1953) (BARBOSA, 2003).

O artigo está dividido em dois tópicos. No primeiro, apresentamos a fundamentação teórica que abarca estudos relevantes sobre o malandro e, no tópico segundo, analisamos o conto selecionado para esse estudo.

2 | APORTES TEÓRICOS SOBRE O MALANDRO

Um dos estudos mais relevantes a respeito do personagem malandro é “Dialética da malandragem”, de autoria do crítico Antonio Candido (1970). O referido estudioso caracteriza o malandro como o indivíduo que vive fora das normas estabelecidas, utilizando seu talento para não trabalhar, desse modo tentando conseguir a ascensão social de forma facilitada.

Outro estudioso que se dedicou à pesquisa da malandragem brasileira foi Roberto DaMatta. Para ele, o malandro é um personagem deslocado, que “De fato, o malandro não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas e nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quadrado da estrutura” (DAMATTA, 1997, p. 172).

O antropólogo DaMatta assinala que o malandro vive entre a ordem e a desordem, não tem um lugar determinado na sociedade, pois ele transita de um polo a outro, sem se fixar em nenhum deles, corroborando o posicionamento de Candido (1970), que aponta a itinerância e o trânsito entre a ordem e a desordem como elementos fundamentais de sua caracterização.

O malandro, por suas atitudes anti-heroicas, não segue padrões estipulados pela sociedade, passa momentos conturbados, almeja viver na riqueza, não gosta do trabalho formal, lança-se a buscar novos desafios e sempre dá um “jeitinho” para se safar de situações conflituosas.

A vida desse anti-herói apresenta lances dramáticos, pois não possui elo familiar e nem sentimento de pertencimento ao um grupo social, dessa maneira não tem lugar fixo, pois gosta de liberdade, tendo a necessidade de transitar entre os diversos locais, buscando sempre novos desafios, fugindo da rotina imposta pelo vínculo familiar e a estabilidade financeira. O malandro utiliza a inteligência para criar e modificar suas táticas, pois tem a necessidade de sobreviver, mas por não se identificar com o trabalho formal, procura resolver seus problemas de subsistência dando pequenos golpes e tenta enganar os incautos que cruzam o seu caminho. Seus golpes possuem duplo objetivo, a sobrevivência e a ascensão social. DaMatta

(1997, p. 259) reafirma a ideia de o malandro empregar sua força e inteligência para sobreviver num mundo desumano, em que vigoram as leis do mais forte e do mais esperto. Assim, ele encontra-se “[...] em plena existência num universo cruel e hostil, contando somente com suas forças e tendo como motor sua esperança de chegar ao porto seguro das camadas mais altas de sua sociedade”.

O malandro tem como características principais: carisma, sensualidade, vestimenta apurada, boa lábia, astúcia, necessidade de ascensão social, safadeza, inteligência, quebra de padrões, busca por novos desafios e preguiça. No caso da ascensão social, o sujeito malandro não gosta de trabalhar, pois sempre consegue estar dentro da alta sociedade por meio do “jeitinho”; utilizando-se da safadeza e da inteligência para tirar vantagens para proveito próprio.

A astúcia do personagem consiste em levar vantagem em tudo, realizando golpes sobre os diversos grupos, dessa forma transita entre a ordem e desordem, sem que as pessoas percebam de imediato seus atos, utilizando a sedução como forma de enganar suas vítimas. Segundo DaMatta (1997), a figura do malandro se torna símbolo nacional, pois na sociedade, o engano transita em todos os grupos sociais, ultrapassa diversas gerações, sendo característica da cultura brasileira.

Outros dois atributos do malandro, boa lábia e carisma, são necessários para cativar e convencer a todos. Sua inteligência permite com facilidade planejar “golpes” em benefício de si próprio e, na grande maioria das vezes, ao conseguir seus objetivos, aproveita ao máximo e logo muda o foco, buscando novos desafios. A preguiça faz com que não queira e nem deseje trabalhar, pois sempre prefere soluções que não o prendam ao trabalho assalariado e massificante, que o fixariam em um local preciso e cuja monotonia ele abomina. Ainda que possa exercer trabalhos temporários em empresas ou realizar pequenas tarefas em bares, restaurantes, lojas, o malandro procura sempre garantir a sua liberdade e ganhar a rua, espaço onde pode enganar, trapacear no jogo e sobreviver de expedientes ilícitos.

O “jeitinho” do malandro significa fazer pouco esforço para conseguir algo. Por isso, ele usa a safadeza, o engano e a trapaça como ação para seus atos. O jeitinho pode ser considerado como uma das facetas da malandragem que, segundo Roberto Goto (1988, p. 11), sintetiza certos atributos do brasileiro:

No imaginário da sociedade nacional, [a malandragem] costuma sintetizar certos atributos considerados específicos ou identificadores do brasileiro: hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciado no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, o „jeitinho” que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, supre ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva.

O malandro tem o objetivo de sempre se dar bem, não importa o meio que use

para conseguir isso. Esse talento não falta ao anti-herói da ficção brasileira e, de certo modo, é o que acaba lhe garantindo sua liberdade, pois ele, frequentemente, envolve-se em situações nas quais necessita usar a sua inteligência para não sofrer punições ou acabar na prisão.

Segundo Giovanna Dealtry (2009, p. 46), “A palavra malandra se transforma em chantagem, engano, logro, convencimento, sedução, ameaça, esperteza, em suma, estratégias de negociação que se constroem na aproximação com o outro e por isso não podem ser fixas nem descodificadas”. Dealtry afirma que as palavras malandragem, malandro(a) expressam o sentido de engano, chantagem e ameaça, apresentam um indivíduo que utiliza a sedução, esperteza para convencimento. Desse modo, tem-se uma ampliação do discurso do malandro, que pode ser analisado pela perspectiva da forma como aborda suas vítimas, o modo como emprega suas táticas de convencimento, sua vestimenta e o vocabulário que utiliza.

Roberto Goto (1988, p. 102) enfatiza que nas mãos desse tipo de anti-herói, “trapaças e mentiras tornam-se virtudes, pois servem à boa causa, ao passo que pureza e inocência podem se revelar defeitos fatais; seus atos, de qualquer forma, o enobrecem e permitem pensar num personagem que paira igualmente acima do bem e do mal”. Esse estudioso considera que as trapaças e mentiras são qualidades do malandro, que acabam por denunciar problemas sociais e culturais existentes, e também são utilizadas como forma de sobrevivência e ascensão de padrão econômico.

Roberto Schwarz (1987) caracteriza o malandro como personagem vindo do folclore, ligado à figura de Pedro Malasartes, um típico malandro que consegue levar vantagem em todas as situações. De certa forma, isso acaba sendo incorporado ao comportamento dos indivíduos da sociedade brasileira, que termina difundindo a crença de que o mundo é dos espertos, daqueles que conseguem tirar vantagens dos demais.

Ainda em relação a esses aspectos, Schwarz afirma que o malandro é um ser nacional que se enraizou na cultura brasileira. Esse crítico menciona a questão da ordem e da desordem, que caracterizam o universo do malandro, uma vez que resume “a regra de vida de um setor capital da sociedade brasileira: o dos homens livres que, não sendo escravos nem senhores, vivem num espaço social intermediário e anômico [desorganizado], em que não era possível prescindir da ordem nem viver dentro dela” (SCHWARZ, 1987, p. 138).

O malandro, apesar de seus atos da malandragem, expõe os problemas, as fraquezas, os preconceitos, a cultura e o caráter de toda a sociedade. A malandragem e o malandro são, em última instância, o resultado de questões perenes da sociedade brasileira tais como: a falta de trabalho, enriquecimento ilícito, políticos corruptos, o desejo desenfreado pelo luxo e pela posse de bens materiais, a valorização da cultura

e de tudo o que é estrangeiro, o individualismo, o caráter pessoal e a transmissão de valores deturpados de uma geração para outra.

Nesse sentido, o malandro torna-se porta-voz dos problemas sociais apresentados, evidenciando um modo de agir e de se comportar que é marcado pelo individualismo, pela busca de satisfação dos próprios desejos e por mover-se em sociedade com o intuito de tirar vantagem e aproveitar qualquer situação que vislumbre que possa lhe trazer algum benefício, como é o caso do personagem central do conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto.

3 | O MALANDRO CASTELO: ESPERTEZA E SOBREVIVÊNCIA

O malandro, na literatura brasileira, representa um anti-herói, que narra suas aventuras em busca de riqueza e ascensão social e, mesmo não sendo a sua intenção, acaba denunciando os problemas sociais que sempre fizeram parte da nossa sociedade estratificada, na qual ricos e pobres, abastados e marginalizados sempre se antagonizaram.

No conto “O homem que sabia javanês”, o protagonista narra em primeira pessoa as suas aventuras. Ele acumula as funções de narrador e de personagem no relato:

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

[...]

– Cansa-se; mas não é disso que me admiro. O que me admira é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida.

Imagina tu que eu já fui professor de javanês? (BARRETO, 2012, p. 7-8)

Nessa passagem, identificamos uma crítica referente à sociedade da época, a qual Castelo considera como burocrática e imbecil. Ele inicia sua narração contando ao amigo Castro a mais importante aventura de sua vida, a de como conseguiu tornar-se cônsul. Ele é um “malandro por experiência, consciente dos danos que causa a ponto de contá-los a terceiros, caçoando do ocorrido” (ARBOLEYA, 2017, p. 238).

Castelo vive entre a ordem e a desordem, não possui um lugar fixo, ele transita entre diversas localidades, não tendo um lugar determinado, utilizando seu talento para conquistar a ascensão social de maneira facilitada, retomando o posicionamento de Antonio Candido (1970), ao caracterizar o personagem malandro como um ser das margens, que sabe aproveitar as oportunidades que encontra.

Uma das qualidades das personagens malandras é reverter situações desfavoráveis e conseguir êxito, embora para grande parte dos malandros da novelística brasileira, tal êxito é sempre momentâneo, as posições conquistadas e as vantagens obtidas nunca são sólidas e ele precisa estar sempre atento para novas oportunidades e situações que lhe permitam obter o sustento e garanta a sua sobrevivência:

– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.” Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. [...] (BARRETO, 2012, p. 8-10)

Notamos que o personagem veio da cidade de Canavieiras, uma localidade interiorana para o Rio de Janeiro, deslocando-se em busca de dinheiro, aplicando seus golpes desde sua chegada ao Rio, transitando de pensão em pensão, sem pagar o aluguel, atitudes bastante comuns no universo da malandragem. O seu interesse em ser professor de javanês se inicia ao ler o anúncio de jornal. Ele julga que essa vaga não teria muitos concorrentes, o salário certamente seria alto e o trabalho fácil.

O protagonista, após ter uma resposta positiva ao bilhete que enviou para o interessado em aprender javanês, enfrenta dificuldades para chegar até a residência do Barão de Jacuecanga: “Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil – podes ficar certo – aprender o javanês... Fui a pé” (BARRETO, 2012, p. 13). Como ele está desesperado e a sua situação é crítica, ele não hesita em caminhar até o endereço que lhe foi passado. Ao chegar à residência do Barão, observou a aparência do casarão: “Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza” (BARRETO, 2012, p. 14). Se ele constataste que o proprietário não tinha dinheiro, certamente não hesitaria em abandonar o local e partir para outra aventura que lhe pudesse garantir algum dinheiro e a possibilidade de sanar, ainda que momentaneamente, suas dificuldades financeiras e seu problema de subsistência.

Astutamente, Castelo percebe que o casarão não está bem conservado, indicando que seu proprietário poderia estar numa situação de penúria. No entanto, ele constata rapidamente que se trata de desleixo do dono e que ele pode continuar com seus estratagemas para conseguir uma posição mais favorável do que aquela em que se encontra, uma vez que tem que fugir de seus credores e nem mesmo o seu aluguel ele consegue pagar.

Durante o período de conversa com o Barão de Jacuecanga, o malandro foi

indagado pelo nobre senhor, sobre sua origem e o modo como aprendeu javanês: “– E onde aprendeu javanês? – indagou ele, com aquela teimosia peculiar dos velhos” (BARRETO, 2012, p.16). Evidentemente, ele soube se safar dessa situação que poderia ser embaraçosa, inventando uma resposta plausível para o seu futuro empregador:

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Conteí– lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês. (BARRETO, 2012, p. 16)

Nesse sentido, vale reportarmo-nos a Roberto Goto (1988), que afirma que o malandro utiliza o “jeitinho” e a inteligência para se safar de situações conflituosas, que poderiam colocar seus planos em risco e essa é a estratégia que usa Castelo nessa e em outras situações com as quais se depara durante o seu trajeto de tentar ascender socialmente.

Verificamos que Castelo possui boa lábia, inteligência, esperteza ao inventar uma mentira que não dava abertura para futuros questionamento, desse modo, ele utiliza o famoso “jeitinho” para não arruinar sua almejada escalada na alta sociedade. A segurança e a forma pela qual o malandro responde ao questionamento formulado pelo Barão contribuem para veracidade de sua mentira, fazendo com que o seu futuro patrão não tivesse dúvidas sobre a qualificação do professor de javanês. Dessa maneira, o malandro emprega seu poder de convencimento para aplicar seu golpe.

De acordo com Giovanna Dealtry (2009), o discurso é um elemento de extrema importância no universo da malandragem, pois a arma principal do malandro é a fala, e por meio dela, ele consegue convencer, enganar e ludibriar aqueles que cruzam o seu caminho. No conto, Castelo faz uso de um discurso marcado pela segurança, pela assertividade ao abordar sua vítima, empregando suas táticas de convencimento, vestimenta e vocabulário, induzindo o nobre senhor a acreditar e confiar no personagem criado por Castelo, e o Barão acaba tendo plena convicção sobre a formação e as “qualidades” do “professor de javanês”.

Roberto Goto (1988) enfatiza que as trapaças e mentiras são qualidades do malandro, pois de certa maneira elas servem a um propósito pessoal e individualista na tentativa de levar vantagem sobre outras personagens e também no intento de ascender socialmente. No caso do malandro Castelo, seu ato de malandragem acabou ajudando o Barão a cumprir o juramento feito anos atrás; mas também denuncia a valorização e o conhecimento como fatores oriundos da cultura estrangeira, em detrimento da cultura do nosso país. Desse modo, o conto também aponta para a desvalorização do que é nacional e coloca em evidência problemas que sempre estiveram presentes na realidade brasileira e que mantém conexões com a situação

de um país colonizado por um outro europeu, fato que sem dúvida ainda é corrente na formação do nosso povo e na eterna mania de valorizar somente o que vem de fora, o que vem da Europa e que se transforma em moda e modelo a ser seguido.

Roberto DaMatta (1997) declara que o malandro emprega suas forças para sobreviver num mundo onde predominam os mais fortes e espertos. Dessa forma, o malandro Castelo aceita todas as oportunidades oferecidas por sua mentira, com o foco na sua principal ambição que é a ascensão social. As boas relações com o Barão permitem que Castelo tenha sucesso em suas pretensões, como se pode verificar no fragmento seguinte:

[...] o senhor não deve ir para a diplomacia; seu físico não se presta... O bom seria o consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller e outros! Imagina tu que até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios. (BARRETO, 2012, p. 25)

Notamos que o seu golpe o levou para a diplomacia, e Castelo acabou sendo nomeado como Cônsul em Havana. Seu ato de malandragem não havia sido planejado para atingir as esferas de poder, mas sim elevar seu nível social. A sua atuação leva-o a conseguir não só solucionar o seu problema de falta de dinheiro, como também a obter um alto posto, talvez um dos mais cobiçados por aqueles que têm aspirações a se destacarem e a serem reconhecidos e admirados na vida em sociedade.

O malandro Castelo usa a todo o momento sua esperteza, preguiça e boa lábia, pois afirma que não tinha o menor interesse em aprender a língua javanesa. Contudo, aproveita as oportunidades, criando e inventando artigos e notas superficiais sobre a língua javanesa, demonstrando sua real intenção que é a de se dar bem, ter dinheiro e uma posição destacada dentro da sociedade, objetivos que são apontados e discutidos pelos críticos Roberto DaMatta (1997), Walnice Nogueira Galvão (1976), Roberto Goto (1988) e que são traços comuns encontrados em vários personagens malandros da ficção brasileira.

Por fim, o malandro Castelo conseguiu a sua ascensão social, aproveitando-se todas as possibilidades que surgiram, aprimorando cada vez mais suas mentiras e atos de malandragem. Suas ações tiveram como resultado a glória, reconhecimento da nação e a riqueza, conforme se observa na seguinte passagem do conto:

Não perdi meu tempo nem dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois convidava-me para almoçar em sua companhia. Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia. (BARRETO, 2012, p. 28)

Nessa passagem, é possível perceber que há uma crítica à sociedade, pois ela, por um lado, apesar de recriminar todos os atos da malandragem, por outro, enaltece o “jeitinho”, a esperteza, a astúcia para se atingir determinados objetivos. O malandro, na maioria das vezes de origem pobre, para obter uma situação mais confortável, dinheiro e não trabalhar, utiliza artimanhas, estratégias, que lhe possam possibilitar alguma ascensão social ou mesmo vantagens momentâneas, que permitem garantir-lhe a sobrevivência.

O estudioso Valdinei José Arboleya (2017, p. 245) sintetiza brilhantemente a situação final do personagem protagonista do conto de Lima Barreto, que analisamos:

[...] Castelo é a imagem da malandragem empregada com o objetivo de lesar o Estado e, em decorrência, o povo, ou seja, é o sujeito que, [...] inventou-se social e politicamente e conseguiu se dar bem na vida. Ascender socialmente e se colocar numa situação econômica segura é o argumento que se descortina por trás do cargo público almejado pela personagem, que emprega a malandragem como uma estratégia para se ajeitar na vida, [...].

O conto, por meio da trajetória de Castelo, deixa patente que o mundo é uma eterna batalha e só a vence aquele que souber empregar adequadamente a sua esperteza e a sua capacidade de se adaptar às circunstâncias e tirar proveito de todas as situações que possam garantir o acesso a uma posição confortável dentro da sociedade, sem prender-se ao universo do trabalho massificado e nem à realidade da grande maioria de seres que não conseguem ser apadrinhados por uma personalidade importante ou ter a sorte de poder realizar um golpe que lhes termine por abrir as portas da sociedade, como ocorreu com Castelo, que vislumbrou a chance de mudar a sua vida ao encarar o desafio de ser professor de uma língua que ele não conhecia, mas que lhe permitiu estabelecer laços de amizade que o catapultaram para o sucesso, com um cargo invejado e com o reconhecimento e fama de uma aristocracia que ainda se rende aos encantos e enganos das modas e modelos europeus.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o malandro é um indivíduo que transita entre a ordem e desordem dentro da sociedade, na qual não segue padrões estipulados, possui como características: a inteligência, astúcia, preguiça, boa lábia, carisma, boa vestimenta, é aventureiro, avesso ao trabalho, tem, em muitas narrativas, uma sensualidade exacerbada, semelhante ao personagem Cassi Jones, de *Clara dos Anjos*. É um anti-herói que narra suas aventuras, as quais refletem e denunciam os problemas sociais existentes na comunidade da qual faz parte.

O malandro, por não ser adepto ao trabalho formal, aplica golpes para sobreviver

e modificar seu status social, e seus principais objetivos são a ascensão social e a obtenção de dinheiro. Marcado geralmente por um destino humilde, ele encontra na malandragem a chance de melhorar de vida. Seus golpes são aplicados em diferentes grupos sociais, não importando os meios que utiliza para conquistar suas metas. A inteligência, astúcia, boa lábia e vestimenta são empregadas ao desenvolver suas táticas para convencer suas vítimas e utiliza o famoso “jeitinho” e sua capacidade de improvisar, para se safar de situações conflituosas.

O anti-herói brasileiro, apesar de apresentar condutas consideradas como inapropriadas, contribui para o desenvolvimento da sociedade, pois denuncia problemas como preconceito, falta de emprego, caráter, valorização da cultura estrangeira, o ato da malandragem como alternativa para melhoria de vida, corrupção e enriquecimento ilícito, poder e valorização da posição social. Esses aspectos acabam por legitimar as atitudes do malandro na sua luta pela sobrevivência.

O personagem central de “O homem que sabia javanês” configura-se como um malandro experiente, que sabe aproveitar todas as oportunidades que encontra no seu caminho e, ao contrário de várias figurações ficcionais malandras que fracassam e terminam seus relatos em uma situação bastante desfavorável, ele é bem sucedido, alcança prestígio, dinheiro e uma posição de destaque dentro da sociedade.

Em síntese, foi possível observar que o personagem Castelo é um legítimo malandro, e sua atuação malandra fica evidenciada desde o início do seu relato, cujo enredo “se constrói como uma sobreposição de narrativas enganosas” (CUNHA, 2016, p. 138). Pela leitura do conto, fica cabalmente comprovado que os atos de malandragem de Castelo levaram-no a alcançar seus objetivos. Assim, esse malandro deve figurar ao lado de Leonardo Pataca, Macunaíma e tantas outras representações de personagens malandros que povoam a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

ARBOLEYA, Valdinei José. O homem cordial e a formação do povo brasileiro: um estudo das obras *Memórias de um sargento de milícias*, *O homem que sabia javanês* e *Macunaíma*. *Revista de Literatura, História e Memória*, Unioeste, Campus de Cascavel, v. 13, n. 21, 2017, p. 233-248.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário Íntimo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961

_____. *Lima Barreto: obras reunidas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018a, v. 1

_____. O homem que sabia javanês. In: _____. *O homem que sabia javanês e outros contos*. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das “Memórias de um sargento de milícias”). *Revista do instituto de estudos Brasileiros*, n. 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

CUNHA, João Figueiredo Alves Da. *Entre melindres e espertezas: personagens malandras, nos contos de Lima Barreto e José da Silva Coelho*. Tese (Doutorado em Letras), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP, São Paulo, 2016.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p. 27-33.

GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada: uma leitura ideológica de “Dialética da malandragem”*. Campinas-SP: Pontes, 1988.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0